

Cinqüentenário
da morte de
Monteiro Lobato

FOL CLO RE

DF LETRAS

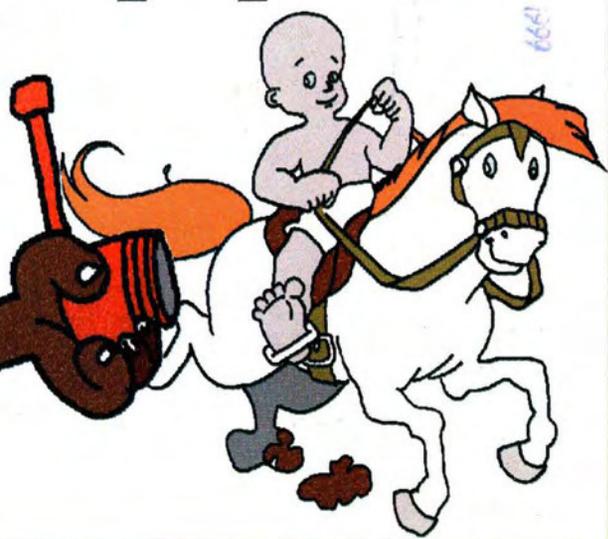
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 57/58
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 281-0/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
OP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA



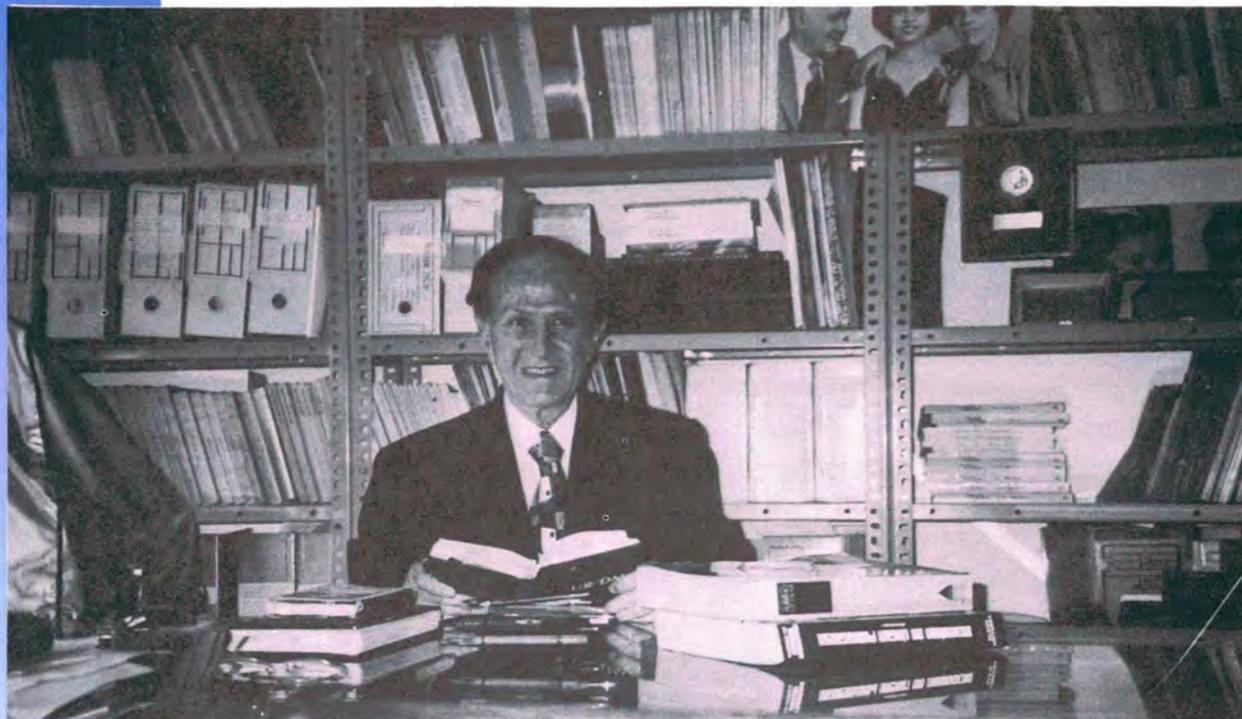
Tradição
e sabedoria
popular



91 FEB 1999

91 FEB 1999

VA
|
|
|



Mauro Castro preside a Academia de Letras de Brasília pela quinta vez consecutiva

A literatura não é um balcão de negócios

Entrevista com o presidente

da Academia de Letras de Brasília, escritor

Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro

Existem escritores medíocres e mercantilistas, que negociam os livros como se fossem pasta de dente e sabonete.

Os meios de comunicação estimulam e aplaudem a mediocridade, publicando bobagens, e iludindo a boa fé de grande parte dos jovens.

A Academia de Letras de Brasília completou, em 98, 15 anos de profícua existência. O seu presidente, escritor Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro, atualmente no seu quinto mandato, tem realizado um trabalho sério à frente da entidade. Mineiro de Uberaba e autor de vários livros, o advogado Mauro Castro participou de várias antologias nacionais. Em entrevista à DF Letras, Mauro Castro fala sobre literatura, a falta de leitura do brasileiro e o papel das academias literárias.

DF Letras – *Terminou a safra de grandes talentos da literatura brasileira? Há perspectivas de segmentos jovens sucederem os atuais literatos?*

MC – No Brasil sempre tivemos talentos literários. A literatura brasileira é um repositório, em várias épocas; é só pesquisar. Não terminou a safra e nem vai terminar. Talento é um dom natural. É aptidão revelada na prática. É a disposição revelada na prática. Vocaçãõ para as Letras. Disposiçãõ

natural do espírito. Portanto, não termina o trabalho, a produção, a colheita. O que existe é que vivemos num mundo de transformações, invenções e descobertas. E o Brasil não está colocado numa redoma, resguardado, isolado. É evidente que o País, de uma forma ou de outra, recebe os impactos das transformações sociais, econômicas, políticas, religiosas, etc., que não pedem licença para entrar... Bem? ou mal? Então existem repercussões em todos os setores de atividades, incluindo, óbvio, a literatura. Quando a revista DF Letras me pergunta sobre a safra de grandes talentos, eu já dei a resposta acima, acrescentando, apenas, que alguns escritores são tímidos, outros são espalhafatosos. Existem os humildes. Existem os "espertos". Existem os escritores medíocres. Mercantilistas, negociam os livros como pastas de dentes e sabonetes. Os pretensiosos e gananciosos. Existiam e existem e vão sempre existir escritores que estão perfeitamente enquadrados nesta classificação. É só pesquisar!

DF Letras – Na segunda parte desta pergunta, a DF Letras quer saber: "há perspectivas de segmentos jovens sucederem os atuais literatos?"

MC – A juventude, hoje, recebe os reflexos deste mundo conturbado de exemplos nocivos, pornográficos e irreverentes. Os meios de comunicação estão estimulando, aplaudindo, publicando bobagens e iludindo a boa fé de grande parte dos jovens. Evidente que não são todos os influenciados. Claro. É como em toda regra, existem as exceções. Há perspectiva, sim, se o Poder Público, o Estado, tiver capacidade, inteligência e vontade política para reverter o quadro malvado,



“No Brasil possuímos Academias e academias. Estão elas, em sua maioria, lutando com problemas financeiros.”

aproveitando e auxiliando a juventude sadia. Ou consertando e dando solução ao problema. Amparando devidamente as verdadeiras vocações literárias, os jovens poderão suceder aos bons literatos. Os dignos e honestos.

DF Letras – O academicismo tornou-se anacrônico? Ou as academias de letras serão revigoradas? Qual o futuro dessas instituições?

MC – Academicismo pode ser entendido como mentalidade própria de quem faz parte de

academias ou rigorismo dos estudos ou princípios acadêmicos. E anacronismo é erro de atribuir a uma época, idéias, sentimentos e costumes de outras. Coisa retrógrada, do passado. Entendo que não existe um academicismo. E, se não existe, ele não pode ser anacrônico... No Brasil possuímos Academias e "academias". Estão elas, em sua maioria, lutando com problemas financeiros. Tenho encontrado algumas com um quadro expressivo de titulares que efetivamente honram, trabalham e produzem na medida de suas possibilidades. Cumprem, com espírito acadêmico, as suas tarefas e desenvolvem realizações culturais. Gostaria de ressaltar o trabalho que tem sido feito pela Academia Brasileira de Letras, lembrando, principalmente, a atuação do meu querido amigo Austregésilo de Athayde. Estou na presidência da Academia de Letras de Brasília desde 1990/1992 (primeiro mandato) e fui reeleito, pela quinta vez consecutiva, até o ano 2.000. É um sodalício, permanentemente renovado, com uma elite de escritores (alguns premiados) que honram qualquer academia em qualquer parte do mundo, sem exagero. Então ela já é revigorada, naturalmente, pelo nosso trabalho, dedicação, esforço. Agora, é necessário o espírito de luta, e o futuro dessas instituições é prosperar e continuar a contribuir para a cultura. Caso contrário, ficarão inertes, como algumas inoperantes, que nada significam, nem produzem e dispensam comentários.

DF Letras – Timidamente o Poder Público investe em cultura, notadamente nas artes cênicas (teatro, cinema, canto lírico). E a poesia, a prosa e o romance? Qual

sua opinião sobre tal omissão?

MC – A sua pergunta é muito própria ou imprópria... *“timidamente* (o grifo é nosso) *o Poder Público investe em cultura”*... Entendo que nem timidamente. A Constituição vigente, artigos 215 e 216, tem um texto bem claro. Não precisa ter QI elevado, nem intérprete para entender o que a Carta Maior ordena: *“O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes de cultura mundial”*... *“apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”*... *“Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial”*... *“as formas de expressão”*... *“os modos de criar, fazer e viver”*... E, mais ainda, *“a lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais”*. E o que o Poder Público faz? É nada ou quase nada! A minha opinião é francamente a favor do fiel cumprimento do mandamento constitucional.

DF Letras – *Pouco se lê em nosso país. Uma tiragem média de livros, mesmo nas grandes editoras, é de mil exemplares. Por que a pobreza do panorama?*

MC – Estou de acordo com a pergunta. Pouco se lê em nosso país. É um problema grave na área da educação. A estatística tem demonstrado que o contingente de analfabetos é assustador. É só consultar os dados para os incrédulos. Além disso, a população brasileira vive atormentada com problemas do desemprego, alimentação, habitação, saúde, etc... Então, como pode o povo brasileiro ser um leitor? Por outro lado, com o advento do rádio, televisão e das

“Pouco se lê em nosso país. É um problema grave na área da educação. A estatística tem demonstrado que o contingente de analfabetos é assustador.”

tecnologias modernas, as pessoas procuram outros meios, outras formas de comunicação. Para que a leitura? O que importa um grande livro, um grande clássico da literatura, se um contingente apreciável da população luta no dia-a-dia para a subsistência? A minha resposta é simples, sincera e realista. Não tem cenas dos próximos capítulos...

DF Letras – *Que medidas o senhor sugeriria para um incremento literário, sobretudo para a valorização do escritor, profissão inexistente em nosso país?*

MC – A pergunta pede sugestões para um incremento literário. Na realidade, analiso o fato de forma simples. Não há mistério. Numerosas medidas podem ser tomadas pelo Poder Público, pelos governos estaduais e municipais. Pelo Poder Legislativo. Pelos empresários. Pelas academias. Pelas universidades. Pelas editoras. Todos poderão

incrementar, ajudar, auxiliar, participar. Esta união é importante. Deve ser duradoura. Não deve ser romântica ou sonhadora. Deve ser uma luta constante, em todos os bastidores. É uma forma, também, de acionar entidades e instituições a procederem favoravelmente à causa. Sei que é tarefa que envolve criatividade, desprendimento, trabalho. E as pessoas, quase todas, estão sempre muito ocupadas... Não dispõem do tempo necessário e da vontade de levar para a frente um projeto de tamanha envergadura. O escritor, o escritor mesmo, não é preciso valorizar. Ele sabe muito bem do seu valor. O problema é que já entendemos o que ocorre com o verdadeiro escritor e com os pretensos e vaidosos: anunciam os seus livros como chás milagrosos e preparam o marketing enganando a boa fé dos que acreditam no poder de cura! A pergunta diz que *“a profissão é inexistente em nosso país”*. Escritores temos. Sempre o Brasil teve bons escritores. E, por certo, não haverá extinção. Não é fauna nem flora... Somente o fato de o escritor ter outras profissões, como todos estão cansados de saber. É o ganha-pão. É o dia-a-dia na luta pela existência.

Na experiência que tenho tido na presidência da Academia de Letras de Brasília (cinco mandatos consecutivos), na vivência dos intercâmbios com entidades culturais do Brasil e principalmente no exterior, com a minha vida de professor universitário em Direito, em três universidades, gostaria de dar uma sincera entrevista. Assim, outros preocupados como sou pela sorte de nossas Letras, possam, melhor do que eu, opinar e transmitir as suas convicções, enriquecendo o país com suas idéias, na solução deste sempre novo assunto.